

Projeto Nosso Campus: uma experiência de implantação da educação ambiental em um campus universitário em formação

(Taller: Experiencias de educación ambiental en ámbitos universitarios)

Marcelo Ximenes A. Bizerril^{1,3}; Ludmila Gualberto Andrade²; Ícaro Alexandre F. S. Pereira²; Daniel Oliveira de Souza²; Michelle Lacerda Coutinho²; Dulce Maria Sucena da Rocha¹.

¹ Faculdade UnB-Planaltina, Universidade de Brasília, BRASIL.

² Bolsista de extensão do curso de Licenciatura em Ciências Naturais, Faculdade UnB-Planaltina, Universidade de Brasília, BRASIL.

³ Autor para correspondência (bizerril@unb.br)

Resumo

O desenvolvimento de políticas de Gestão Ambiental em patrimônios públicos vem nos últimos tempos abrindo oportunidades para o processo de mobilização e conscientização de atores sociais à prática da cidadania. A Universidade, palco da produção do conhecimento científico e integração social, têm uma relevante importância neste processo de mobilização e conscientização utilizando a extensão universitária como chave para este processo. A Faculdade UnB Planaltina (FUP), inaugurada em 2006, conta com cerca de 850 pessoas entre estudantes, funcionários e professores. Com o intuito de integrar as pessoas que frequentam o *campus*, de preservar e valorizar o patrimônio público da Universidade, além de contribuir para a formação profissional no âmbito da educação formal e não-formal, foi criado em 2007, o Projeto de Extensão Continuada Nosso Campus. Como instrumentos de sensibilização para preservação e políticas de gerenciamento ambiental do patrimônio público universitário, o projeto Nosso Campus utilizou elementos da comunicação, como vídeos e materiais impressos, além de promover a cultura neste espaço. Este artigo avalia as ações e impactos do projeto dois anos e meio depois da sua implantação.

Palavras-chave: extensão universitária, ensino superior, gestão universitária, formação de educadores.

Introdução

A universidade configura-se como um espaço físico e social repleto de diferenças. É neste meio que futuros profissionais passam em média quatro a cinco anos de suas vidas, exercitando e desenvolvendo habilidades que serão exigidas nas suas atividades futuras na sociedade. Mas nem sempre eles são impelidos por este meio ambiente, a universidade, a desenvolver na prática tais habilidades, como, por exemplo, a educação para a Gestão Ambiental ou até mesmo a educação ambiental em uma sua forma ampla.

A universidade destaca-se pelo seu papel no desenvolvimento da educação ambiental formal e não formal, tanto pela produção de pesquisas e do arcabouço teórico que a sustenta, quanto pelas ações de extensão que impactam diretamente escolas e comunidades. Além disso, a universidade é o espaço formador de educadores e de potenciais sujeitos formadores de opinião e tomadores de decisão na sociedade.

Mas é exatamente neste último tópico que a universidade ainda se mostra frágil quanto a sua atuação. São escassas as oportunidades que os estudantes têm de vivenciar os processos de Educação e Gestão Ambiental participativa no contexto universitário.

Com o objetivo de atingir os diversos grupos que transitam no espaço universitário faz-se necessário compreender os diversos olhares, percepções e relações de seus usuários com este meio ambiente. Melazo (2005) destaca a relação de interdependência entre o meio ambiente e o homem, relação esta que justifica a participação nos processos de Educação e Gestão Ambiental na tentativa de desenvolver estratégias para uma educação ambiental eficaz.

Algumas ações merecem ser destacadas para a implementação da educação ambiental. A promoção de ações públicas no âmbito da Educação Ambiental permite identificar problemas e a busca de soluções que possam contribuir para uma maior relação entre os diversos públicos no que diz respeito às questões sócio-ambientais. Estimular indivíduos em um processo educativo participativo eleva a auto-estima e o orgulho dos envolvidos no processo, pois a partir destes sentimentos fundamentais do ser humano, fortalece as bases necessárias para se envolver comunitariamente e posteriormente resultar em uma abordagem participativa. Refletir sobre a causa dos problemas, desenvolver estratégias para resolvê-los, buscar parcerias e avaliar o processo como um todo, são ações que completam a etapa de conscientização, bem como o fortalecimento social (Rezende *et al.*, 2004).

A participação de uma comunidade na preservação de um espaço público, como é o caso da Universidade, contribui amplamente para o exercício da coletividade e cidadania dos sujeitos críticos, além da vivência e abordagem de conflitos sócio-ambientais (Jacobi, 2004). Segundo Layrargues (2000), a Educação para a Gestão Ambiental vem se

destacando nos últimos tempos por trazer vários conceitos que respondem os desafios dos trabalhos voltados para a Educação Ambiental e à prática da cidadania. Mas o autor também salienta que a educação para a Gestão ambiental não deve ser entendida como uma sucessão ou substituição da educação ambiental. Segundo o autor, a educação para a Gestão Ambiental deve ser entendida como um subconjunto daquela, pois a Gestão Ambiental é essencialmente “um processo de mediação de conflitos de interesses” dos sujeitos envolvidos no processo de transformação do meio ambiente.

Neste sentido o Projeto Nosso Campus visou, além da conservação do patrimônio público, o desenvolvimento e o exercício das habilidades de Gestão Ambiental inerentes aos educadores, enquanto sujeitos formadores de opinião e tomadores de decisão na sociedade.

O campus universitário de Planaltina (Faculdade UnB Planaltina - FUP), inaugurado em 2006, situa-se a 40 km do campus central da Universidade de Brasília. A comunidade universitária conta atualmente com cerca de 850 pessoas entre estudantes, professores e funcionários.

O projeto Nosso Campus foi criado em 2007 com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento de estratégias que favorecessem atitudes de cuidado com o patrimônio público, inicialmente entre a comunidade da FUP, para, posteriormente, envolver a comunidade do entorno. Trata-se de um projeto de longa duração que busca articular diversas ações de extensão e pesquisa voltadas à gestão do campus. Assim, o projeto apresenta os seguintes objetivos específicos:

- provocar o senso de responsabilidade e cuidado dos alunos, professores e servidores com o campus da UnB em Planaltina e com os bens públicos;
- criar estratégias educativas para os cuidados com os bens públicos;
- preparar estudantes para programas de educação ambiental não-formal;
- pesquisar possibilidades e estratégias de educação ambiental não-formal;
- estabelecer um espaço para atividades voltadas à cultura e ao lazer entre alunos e funcionários.

Métodos

Inicialmente foram desenvolvidas atividades de capacitação dos bolsistas a respeito da educação ambiental onde foram definidas as seguintes linhas de ação do projeto: cultura e comunicação, uso dos espaços verdes e gestão dos bens públicos. Especificamente, nos anos de 2007 e 2008, o projeto tratou das seguintes ações:

A- Criação de um espaço para difusão e estímulo de atividades culturais no *campus*.

B–Implantação de uma Trilha Ecológica.

C–Coleta seletiva do lixo e preservação do patrimônio da universidade.

O CineFUP foi criado como um espaço para difusão e estímulo de atividades culturais e de integração comunitária no *campus*. Consistiu em atividades semanais voltadas à exibição de vídeos e apresentações musicais de estudantes e músicos locais, além da construção de uma videoteca para a faculdade. Os bolsistas do projeto também participaram de um curso de extensão e da disciplina Comunicação Comunitária para capacitá-los no uso das ferramentas da comunicação (vídeos, rádio e impressos) no âmbito da educação.

Foram avaliadas as potencialidades de parques da região, e especialmente do uso da área de vegetação nativa do campus para atividades de educação ambiental. Além disso, após professores e estudantes de escolas da região visitarem a área de cerrado da FUP e discutirem as suas necessidades foi elaborado, em 2008, e implantado em 2009, um projeto de trilha interpretativa.

Para a viabilização da coleta seletiva do lixo e preservação do patrimônio da universidade, no 1º semestre de 2007 foi feita uma visita à Fundamental – Cooperativa de Materiais Recicláveis de Planaltina, visando obter informações sobre o tipo de material reciclável de interesse da cooperativa. Foi elaborado um diagnóstico sobre as condições de limpeza da FUP. Os aspectos avaliados no diagnóstico foram:

- a) Se as lixeiras para material reciclado e das salas de aula estavam sendo utilizadas de maneira correta.
- b) Se havia falta de lixeira para algum tipo de coleta específica.
- c) Se a localização das lixeiras era adequada.
- d) Se as dependências do campus (tais como salas de aula, informática e banheiros) mantinham-se limpas após o uso.

Para a realização do item “d” foram feitas entrevistas com os funcionários da limpeza e observações diretas. Especificamente o item “a” foi analisado através da contagem de cada resíduo que estava em cada lixeira. Para a realização da contagem houve um tempo de acúmulo de lixo de em média três dias. Os demais itens foram verificados examinando-se diretamente o conteúdo das lixeiras por meio de observações diretas.

Entre o 2º semestre de 2007 e 2º de 2008 iniciou-se um processo para mobilizar e provocar o senso de responsabilidade pelo campus em alunos, professores, funcionários e demais freqüentadores.

Foram feitas visitas em todas as salas de aula juntamente com os funcionários da limpeza com o objetivo de: explicar a finalidade do projeto; solicitar a colaboração dos alunos com a limpeza; entregar marca-textos feitos de material reciclado; e esclarecer a necessidade de participação dos alunos como voluntários no projeto. A apresentação dos

funcionários da limpeza aos alunos foi feita para que se estabelecesse uma relação de maior proximidade entre ambas as partes (funcionários e alunos) e para que os alunos percebessem o trabalho realizado pelos funcionários. Para os professores, especificamente, foi entregue um informativo pedindo a colaboração dos mesmos em relação ao desperdício e papéis, porque estes são os maiores utilizadores da copiadora e impressora, e em relação a utilização excessiva de copos descartáveis, inicialmente dando a sugestão que todos os professores tivessem suas próprias canecas. No entanto, no 1º semestre de 2009 foram produzidas e entregues canecas para alunos, funcionários e professores com o objetivo de reduzir a utilização de copos descartáveis.

Outras ações foram desenvolvidas tais como a integração do projeto com outros setores da universidade e de Planaltina, oficinas de papéis recicláveis, elaboração de materiais de comunicação, como cartazes, que foram colocados em cada sala de aula e a exibição de vídeos sobre o aproveitamento do lixo no auditório da FUP. Também foram feitas duas capacitações relacionadas ao processo de compostagem.

Em 2009 procedeu-se uma avaliação com quatro estudantes que protagonizaram a experiência educativa ao longo dos três anos do projeto.

Resultados e Discussão

A participação dos bolsistas nos cursos de capacitação do uso das ferramentas da comunicação foi importante para garantir a qualidade dos modos de intervenção e mobilização comunitária a serem aplicados no projeto. De fato, as experiências advindas desses cursos possibilitaram uma nova rota para acessar os múltiplos indivíduos que transitam pela Faculdade UnB Planaltina (FUP). Dentre os produtos do curso destacam-se a produção de um jornal para a faculdade, "*O Nosso Campus*", com informações sobre o projeto e visando a criação de um jornal permanente para a FUP, e a melhoria da qualidade dos materiais educativos impressos e de divulgação do projeto.

O CineFUP apresentou uma diversidade de filmes abrangendo documentários, longas metragem e animações.

Nove vídeos produzidos pelo Centro de Produção Cultural e Educativa da universidade (CPCE/UnB) e vinte e seis filmes doados pelos alunos do curso de Comunicação Social deram início a construção de uma videoteca para o campus.

No 2º semestre de 2007, início da execução do CineFUP, estabeleceu-se que a sessão seria uma vez por semana, mais especificamente nas segundas-feiras às 12h30 no auditório da FUP. A partir do 1º semestre de 2008, a programação do CineFUP passou a ocorrer da seguinte forma: exibição dos filmes sempre nas quartas-feiras às 11h50,

seminários quinzenalmente, e música, teatro ou exposições mensalmente. O dia da semana e o horário das atividades foram determinados levando em consideração a disponibilidade de horário dos alunos e dos funcionários.

A divulgação das atividades culturais foi feita por meio de cartazes espalhados pelos murais da FUP, por avisos nas salas de aula e pelo jornal *O Nosso Campus* que destinou uma parte contendo toda a programação do CineFup.

Foram exibidos 23 filmes dentre animações, cinema nacional, clássicos, cinema norte-americano e europeu, e documentários. A diversidade de tipos de filmes foi uma estratégia usada para atrair maior diversidade de pessoas e estimular o interesse pela atividade.

A estréia do Cine FUP com *A voz do coração* resultou em poucos alunos talvez pelo fato do choque com o período de aula. O documentário *Aproveitamento do lixo*, apesar de ser um assunto de interesse principalmente para os alunos de Ciências Naturais, já que estão envolvidos com a Educação Ambiental, não atingiu também um público relevante. Já o filme *A Era Do gelo 2* atraiu um maior número de pessoas, no que diz respeito a estes filmes exibidos no 2º semestre de 2007.

O público, para os filmes cresceu no 1º semestre de 2008, atingindo o maior número de pessoas e no 2º semestre de 2008 com os filmes *Arquitetura da Destruição*, *The Corporation*, *O Pianista*, *O Sétimo Selo*, *Cidade de Deus*.

Durante o processo de estruturação e definição de estratégias para sua efetivação, houve dificuldades na escolha de filmes, em como consegui-los e em como estimular os alunos e funcionários do *campus* a assistirem aos filmes. Com o tempo aparentemente as pessoas passaram a conhecer o CineFUP e o utilizar como outra forma de ampliação de seus conhecimentos dentro da faculdade, como lazer e descontração entre os intervalos das aulas. Estão em discussão outras formas de estimular a participação, com envolvimento de professores na condução de debates após os filmes, e emissão de certificados aos participantes.

Visitas feitas às escolas da região mostraram que havia resistência de alguns professores com relação ao potencial de uma Trilha interpretativa no apoio às suas atividades didáticas. Entretanto, atividades desenvolvidas com alunos do ensino fundamental na área nativa da FUP aparentemente resultaram em aumento na motivação da comunidade escolar em utilizar as áreas verdes naturais para atividades educativas. Cinquenta placas de metal foram usadas para sinalizar uma trilha dividida em três percursos que cobriam toda a área de cerrado da FUP. Cinco meses após a instalação das placas, 19 foram extraviadas, restando apenas 31 unidades. Do total restante das placas, percebeu-se que boa parte sofreu algum tipo de dano. Um projeto de pesquisa derivado do projeto *Nosso Campus* pretende envolver as escolas locais na elaboração de guias para uso da trilha, e

assim, aumentar o envolvimento e senso de responsabilidade de comunidade para com a mesma.

Além dos resíduos orgânicos, o único material que não pode ser aproveitado pela cooperativa foram os papéis toalha dos banheiros, pois estes ficavam molhados e mofados, não podendo ser reciclados. A relação do campus com a cooperativa foi bastante produtiva até que, em 2009, alterações no mercado de reciclados tornou a atividade da cooperativa inviável economicamente.

No âmbito da Coleta Seletiva foram produzidas e aplicadas estratégias de divulgação e sensibilização, tais como informes, panfletos e cartazes, oficina de papéis reciclados, peça teatral, palestra, salas temáticas e criação de um logotipo para o projeto (fig. 1). A elaboração de cartazes atraentes e criativos foi um exercício importante na formação dos educadores do projeto, e despertou a atenção da comunidade universitária. No entanto, ficou evidenciada a necessidade de contínua produção de material educativo dessa natureza, a fim de substituir os materiais que vão se degradando e se tornando menos atrativos, e também por gerar novo estímulo ao público a que se destina o cartaz, na medida em que novas provocações aos passantes são dispostas em diferentes locais do campus. Nesse sentido, o projeto teve dificuldade em manter um ritmo satisfatório de renovação desses estímulos visuais.

O envolvimento dos funcionários da limpeza nas atividades do projeto despertou a sua auto-estima, e fez com que os mesmos passassem a interagir com a equipe do projeto relatando dificuldades e também ações bem-sucedidas em ampliar a colaboração da comunidade com a limpeza do campus (fig.2).

O diagnóstico revelou a necessidade de mudanças nas lixeiras, na destinação do lixo produzido na cantina, na redução no uso de descartáveis e na melhor utilização dos recipientes de coleta seletiva e das lixeiras nas salas de aula. As soluções encontradas incluíram a aquisição, realocação e remodelagem de lixeiras, por exemplo, criando lixeiras exclusivas para resíduos orgânicos, campanha de sensibilização dos funcionários para o uso de utensílios reutilizáveis, e aquisição e distribuição de 800 canecas plásticas. O uso de canecas foi adotado entre professores, funcionários e pela própria cantina de modo satisfatório, no entanto, para estudantes, parece ser mais útil a adoção de garrafas plásticas do que canecas, dadas as necessidades de locomoção dos mesmos no campus.

De modo geral, houve uma melhora na conservação das salas de aula, contudo ainda necessita-se de uma maior atenção no cuidado com os banheiros e no uso das lixeiras da coleta seletiva.

O projeto Nosso Campus chegou a atrair o interesse de cerca de 20 estudantes, no entanto, foram quatro os estudantes que se envolveram mais profundamente nas atividades do projeto nos seus dois anos e meio de existência. Esses estudantes avaliaram o projeto

positivamente destacando impactos em diversos sentidos da sua formação. Como educadores destacaram o papel do projeto em possibilitar a experiência prática em educação ambiental, a oportunidade de coordenar grupos, e o despertar para a integração de elementos tipicamente usados na educação não-formal no dia-a-dia da sala de aula, como fica claro na fala de um deles: *“O modo como esses temas foram trabalhados no projeto, incentivando a prática dentro do campus, me fez pensar que enquanto educadora seria interessante não só trabalhar estes temas na teoria em sala de aula, mas levar os temas para a realidade dos alunos, fora da sala de aula, criar um projeto como o Nosso Campus no ambiente escolar e assim fazer com que os alunos e a própria escola tenham o hábito de cuidar do meio onde estão e da natureza.”*

Na opinião dos estudantes participantes, o projeto os ajudou a conhecer e se integrar com a realidade da universidade, em seus diversos setores: *“Foi através do Projeto Nosso Campus que eu conheci pessoas de outros cursos da universidade, aprendi a trabalhar com pessoas de realidades diferentes de formas diferentes (cada uma com sua especificidade), posso dizer que conheci também um pouco mais da minha cidade, da própria universidade, enfim, descortinou-se um novo universo, até então escondido.”* Outro aspecto interessante identificado foi o aumento do senso de cuidado e responsabilidade com o campus a partir da prática de promover esse sentimento junto à comunidade universitária: *“Este projeto ajudou a construir uma conscientização e preservação deste espaço público. Visto isso, passamos nele a maior parte do tempo trabalhando e construindo uma formação, assim, vejo este espaço como uma segunda casa.”*

Apesar do crescimento do reconhecimento da extensão universitária no meio acadêmico, o acesso dos estudantes ao que é desenvolvido em termos de extensão ainda é restrito enquanto os mesmos não estão diretamente envolvidos em algum projeto de extensão. O depoimento de uma estudante destaca o despertar para o potencial da extensão universitária: *“O “Nosso Campus” influenciou a minha relação com as atividades de extensão principalmente na questão da informação sobre as atividades e projetos que acontecem na semana de extensão. No ano de 2006, quando ainda não participava do projeto, não sabia o que era e nem participei da semana de extensão. Já em 2007, além de apresentar meu banner na semana de extensão, participei de diversos cursos e atividades, assim como pude conhecer outros projetos relacionados à educação ambiental.”*

O aumento da auto-confiança e das capacidades de organização e condução de ações diversas no âmbito da educação e da pesquisa por parte dos estudantes foi claramente observado no decorrer do projeto. Entretanto, foram registrados como pontos a serem melhorados no processo: o embasamento teórico anterior à prática, a comunicação interna do grupo e o estabelecimento de uma agenda de trabalho mais rígida e com definição mais precisa de metas.

Conclusão

Essa experiência relata o interessante resultado do balanço entre uso de ferramentas da comunicação, gestão participativa e atividades culturais na condução de programas de educação ambiental em ambientes universitários.

No entanto, apesar de bem-sucedido, o projeto Nosso Campus é mais um exemplo do quão é necessário o esforço em manter a continuidade nas ações de educação ambiental.

Com o crescimento do campus, novos projetos têm surgido com novas abordagens para a gestão do mesmo com base na sustentabilidade e com a promoção de diversas atividades culturais.

A partir da avaliação dos estudantes que protagonizaram o projeto percebe-se as contribuições positivas nas suas formações como educadores e no aprofundamento das suas relações com a universidade e com a prática da extensão universitária, além da oportunidade de exercitar a coordenação de grupos e atividades, e a integração com outros setores da universidade e da comunidade local.

Aparentemente a atuação do projeto nos momentos iniciais do estabelecimento do campus, somando-se a outros projetos conduzidos na FUP, contribuiu para o fortalecimento de uma identidade local de responsabilidade ambiental e de cuidado com os bens públicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JACOBI, P. Participação cidadã na gestão ambiental no Brasil. In: Participación ciudadana y políticas sociales en el ámbito local, ZICCARDI ALICIA (Coordinadora), México, UNAM-Instituto de Investigaciones Sociales, Consejo Mexicano de Ciencias Sociales, Instituto Nacional de Desarrollo Social, 2004, 462 p. Disponível em: http://www.iis.unam.mx/pub_elect/zic/jacobi.pdf.

LAYRARGUES, P. P. Educação para a gestão ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos socioambientais. Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate. 2000. Disponível em: http://material.nerea-investiga.org/publicacoes/user_35/FICH_PT_30.pdf.

MELAZO, G. C. Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. Olhares e Trilhas. Uberlândia, Ano VI, n. 6, p.45-51, 2005.

REZENDE, Rosana Pinheiro; PADUA, Suzana Machado; FONSECA, Carlos Eduardo Lazarini da ; SOUZA, Camilo Cavalcante de. Educação Ambiental e participação: estratégias para a preservação ambiental. In: Aguiar, L.M.S. e CAMARGO, A.J. A . (EDS). 2004. Cerrado: Ecologia e caracterização. Embrapa, Brasília – DF.



Fig. 1. Logomarca desenvolvida para o projeto a partir da logomarca da Universidade de Brasília.



Colabore com
a limpeza do
Campus!

Fig. 2. Cartaz educativo com participação de funcionário da limpeza do campus.